



**UEPB**

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA  
CAMPUS I  
CENTRO DE EDUCAÇÃO - CEDUC  
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO  
CURSO DE LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA**

**AYVINA ALVES DE OLIVEIRA**

**A LITERATURA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EM EDITH STEIN**

**CAMPINA GRANDE  
2023**

AYVINA ALVES DE OLIVEIRA

**A LITERATURA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EM EDITH STEIN**

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial à obtenção do título Graduada em Pedagogia.

**Área de concentração:** Educação.

**Orientador:** Prof. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão

**CAMPINA GRANDE  
2023**

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

O481 Oliveira, Ayvina Alves de.  
A literatura [manuscrito] : uma análise fenomenológica em Edith Stein / Ayvina Alves de Oliveira. - 2023.  
27 p.  
  
Digitado.  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2023.  
"Orientação : Profa. Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão, Coordenação do Curso de Pedagogia - CEDUC."  
1. Fenomenologia. 2. Literatura. 3. Edith Stein. 4. Educação. I. Título  
  
21. ed. CDD 801.95

AYVINA ALVES DE OLIVEIRA

## A LITERATURA: UMA ANÁLISE FENOMENOLÓGICA EM EDITH STEIN

Trabalho de Conclusão de Curso (monografia) apresentado à coordenação do curso de Licenciatura em Pedagogia da Universidade Estadual da Paraíba (UEPB/campus I), como requisito parcial à obtenção do título Graduada em Pedagogia.

Área de concentração: Educação.

Aprovada em: 06/07/2023.

### BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra Soraya Maria Barros de Almeida Brandão (Orientador)  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra Maria do Socorro Moura Montenegro  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Prof. Esp. Diêgo de Lima Santos Silva  
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

A minha mãe, pela doação, entrega e  
dedicação, DEDICO.

## **AGRADECIMENTOS**

A Deus, por seu infinito amor e misericórdia, e por me conceder a dádiva da vida.

À Nossa Senhora Boa Mãe, por interceder por mim ao seu filho, pelo colo e consolo.

À Santa Teresa de Ávila (Padroeira dos professores) e a Santa Teresa Benedita da Cruz (minha amada Edith Stein), por serem minhas amigas do céu, pela intercessão na missão de educadora, pelo aporte teórico que deixaram, pelos seus ofícios e completa entrega à Verdade, pela bondade e doação sem limites.

À minha amada mãe, por todo seu sacrifício, amor e dedicação, pelo seu colo, responsabilidade e justiça, pelo seu exemplo de mulher e mãe, por ser fortaleza e determinação, pela sua entrega na minha criação, por ser o meu amor!

À professora e orientadora, Dra. Soraya Maria Barros de Almeida Brandão pela orientação e dedicação ao longo de todo o curso.

Ao meu mestre, Thomas Giulliano, meu exemplo de dedicação e vocação, por ter sido, a partir de suas aulas sobre o grande escritor brasileiro Machado de Assis, água no meu deserto intelectual. Ao senhor, toda minha admiração.

A todos os professores da minha vida, desde a Educação Básica até a Universitária, por deixarem um pouco de si na minha história enquanto pedagoga, não chegaria até este momento sem os seus ensinamentos, sem compreender que há uma completa necessidade nesta linda, porém árdua profissão.

A minha amiga de classe, Vitória Fernandes, por toda a parceria, pelas conversas, risadas e até choro compartilhados; a nossa amizade ultrapassa as paredes da universidade, ela é para à vida.

A Instituição UEPB, ao corpo docente e todo o corpo de funcionários pela presteza e atendimento quando necessário.

“Quem procura a verdade, consciente ou inconscientemente, procura a Deus.”  
(Edith Stein)

## RESUMO

O presente trabalho objetiva analisar a literatura como um recurso metodológico para a Educação sob a ótica fenomenológica de Edith Stein. Sendo a pesquisa de natureza exploratória e bibliográfica se busca entender o processo de conhecimento no que abarca a literatura como uma arte da linguagem. Um fenômeno, sendo uma 'coisa' não é, essencialmente, visto, apenas, no mundo exterior, há subjetividade. Ciente que a fenomenologia de Edith Stein busca conceber o entendimento das essências, retornando às "Coisas mesmas", para obter o conhecimento, fazendo assim a correlação entre objeto-sujeito a partir de suas vivências e realidade. Tendo como principal aporte teórico as obras de Edith Stein (1891-1942); e referências como: Ilana Waingort Novinsky e Magna Celi Mendes da Rocha. Portanto, unir a literatura à prática docente, institui biograficamente uma ruptura com o próprio tempo, ao possibilitar a transitoriedade em temporalidade, na literatura é propiciado o conhecimento das mais variadas esferas humanas e, ao conhecer o outro e os fenômenos que o moldaram, será possível conhecer a si, como sujeito em sociedade.

**Palavras-Chave:** Fenomenologia; Literatura; Edith Stein; Educação.

## **ABSTRACT**

The present work aims to analyze the literature as a methodological resource for Education from the phenomenological perspective of Edith Stein. Being exploratory and bibliographic in nature, it seeks to understand the process of knowledge in terms of literature as an art of language. A phenomenon, being a 'thing' is essentially not seen, only in the outside world there is subjectivity. Aware that Edith Stein's phenomenology seeks to experience the understanding of essences, returning to "things themselves", to obtain knowledge, thus making the correlation between object-subject from their experiences and reality. Having as main theoretical contribution the works of Edith Stein (1891-1942); and references such as: Ilana Waingort Novinsky and Magna Celi Mendes da Rocha. Therefore, uniting literature to teaching practice, biographically establishing a break with time itself, by allowing transience in temporality, in literature knowledge of the most correlation human spheres is provided and, by knowing the other and the phenomena that shaped him, it will be possible to know oneself, as a subject in society.

**Keywords:** Phenomenology; Literature; Edith Stein; Education.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO.....</b>	<b>9</b>
<b>2</b>	<b>BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA.....</b>	<b>12</b>
<b>3</b>	<b>O QUE É FENOMENOLOGIA?.....</b>	<b>15</b>
<b>4</b>	<b>LITERATURA E FENOMENOLOGIA.....</b>	<b>16</b>
<b>4.1</b>	<b>Literatura e educação.....</b>	<b>18</b>
<b>5</b>	<b>EDITH STEIN: FILÓSOFA E EDUCADORA.....</b>	<b>21</b>
<b>6</b>	<b>UMA ANÁLISE DE LITERATURA COMO FENÔMENO EM EDITH24 STEIN.....</b>	
<b>7</b>	<b>METODOLOGIA.....</b>	<b>26</b>
<b>8</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>27</b>
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	<b>29</b>

## 1 INTRODUÇÃO

Não é possível conceber o entendimento da história humana sem ser por intermédio da linguagem.

A tudo que existe e que há compreensão de existência, foi pensado, analisado e contado; a tradição oral de contação de histórias sempre foi subsídio para a formação do homem social, político, profissional e, principalmente, como sujeito em sua completa singularidade.

Como animal racional, o homem, carece da compreensão da realidade para cumprir o seu papel no “mundo”, a literatura é, então, um condicionante para a assimilação e significação na supracitada realidade.

Na fenomenologia é feita uma busca às "coisas mesmas" como explica Edmund Husserl - pai da corrente filosófica - essa busca o autoconhecimento, afinal, como entender um objeto, teoria, conceito e, ainda, um fenômeno sem haver, uma compreensão do que se há de mais próximo a quem se destina estudar, senão a sua própria consciência? Um fenômeno, sendo uma 'coisa' não é, essencialmente, visto, apenas, no mundo exterior, há subjetividade. Assim sendo, a cognição das essências concede a instalação na realidade, por conseguinte, a verdadeira afirmação em saber ou, apenas, imaginar que sabe.

Mediante as dificuldades apresentadas no letramento na Educação contemporânea, reflexo dos índices de evasão escolar, condições socioeconômicas, dificuldades no aprendizado e dentre outros, este trabalho se dá como uma reflexão, principalmente aos educadores quanto ao contexto fenomenológico que liga e é ponto de análise para entender a realidade.

Tendo como base a fenomenologia em Edith Stein(1891-1942) no qual compreende e formula sua filosofia na necessidade de sempre retornar o estudo do objeto a partir da essência, ou seja, a partir da base/conceito do que se destina a estudar e, conseqüentemente, ao perceber a singularidade das questões e do aluno, proporcionar esse a conhecer-se e assim adquirir o conhecimento. Objetifica verificar sob a ótica fenomenológica o processo da literatura no percurso histórico da Educação.

Sendo de natureza exploratória por intermédio da bibliografia da própria Edith Stein, há o viés investigativo e explicativo, por meio de análises em contextos

históricos da Educação e de obras literárias, tendo uma abordagem qualitativa em sua pesquisa-ação.

Para entender e alcançar isso, será realizado o mapeamento historiográfico da literatura, investigando se ela é, de fato, propulsora para a educação. Concedendo assim, um embasamento teórico para os educadores e auxílio para entender a sua realidade e ajudar seus alunos por meio de uma metodologia singular, pautando-se pelo respeito ao tempo e as circunstâncias que esse aluno encontra-se, dessa maneira, analisando o melhor método de ensino para tal objeto de estudo, destinado ao entendimento de si e do seu meio em interface da literatura, sendo esse o caminho para a formação de um leitor e formação de sua personalidade.

## 2 BREVE HISTÓRIA DA LITERATURA

Desde os Neardentais as figuras de linguagem estavam presentes em suas pinturas rupestres, marcando as ideossincetudes de um grupo que não havia estudos com base em cientificismo. Como explicaremos a História de um povo que não possuíam o artifício da escrita e dos livros ou anais para marcar o seu tempo, sua cultura, crenças, política, artes e filosofia? Ademais, como pensavam na necessidade de deixar algum registro nas cavernas? Se a palavra, como instrumento de comunicação e de relação não está intimamente ligada ao humano, com sua essência racional, qual seria sua operância?

A contação de histórias, como tradição oral, é um recurso utilizado desde os primórdios para falar sobre as características, mitos, cultura e poder dos povos; demarcar territórios, fundamentar leis e regras, organizar e ordenar as operações e fundamentar a História, afirmando a tamanha importância que há em perpetuar informações.

A partir da revolução cognitiva e a pensar nos primeiros habitantes do planeta no que se compreende na realidade, como os caçadores-coletores; suas heranças foram nutridas e perpetuadas por intermédio da oralidade e para além de suas evoluções materialistas e técnicas, como utensílios e artefatos, a criação de mitos foi um marco. Mitos são histórias transmitidas de geração em geração, esses abarcam imaginação, criatividade e memórias, para além do que era vivenciado nas táticas de caça, coleta e cultivo e na manutenção da vida os mitos são histórias criadas para explicar a origem de algo.

O mito é, pois, incontestável e inquestionável. Como o mito narra a origem do mundo e de tudo o que nele existe? De três maneiras principais: **1.** Encontrando o pai e a mãe das coisas e dos seres, isto é, tudo o que existe decorre de relações sexuais entre forças divinas pessoais. (...)A narração da origem é, assim, uma genealogia, isto é, uma narrativa da geração dos seres, das coisas, das qualidades por outros seres, que são seus pais ou antepassados. **2.** Encontrando uma rivalidade ou aliança entre os deuses que faz surgir uma coisa no mundo. (...) É assim, por exemplo, que o poeta Homero, na *Iliada*, que narra a guerra de Troia, explica por que, em certas batalhas, os troianos eram vitoriosos e, em outras, a vitória cabia aos gregos. Os deuses estavam divididos. **3.** Encontrando as recompensas ou castigos que os deuses dão a quem os desobedece ou a quem os obedece. Como o mito narra, por exemplo, o uso do fogo pelos homens? Para os homens, o fogo é essencial, pois com ele se diferenciam dos animais, porque tanto passam a cozinhar os alimentos, a iluminar caminhos na noite, a se aquecer no inverno quanto na guerra. (CHAUI, 2010, p.31)

Ao passo que, na antiguidade, os saberes e explicações para as coisas se davam pela tradição oral, contações de histórias e dos mitos, a literatura com o avanço e disseminação da escrita vinha a fundamentar e documentar por meio da grafia o que antes eram somente sons e que pela transferência e pelo modo que eram contatos haviam diferenciações.

A literatura então fixa no tempo fenômenos, faz do som, letras e do “nada” surge o “tudo”, torna-se instrumento de aprendizado, de comunhão e de significados. À medida que permite o deslocamento da realidade a outra dimensão de signos, imaginação e memória, também permite a instalação no agora, afinal, há inúmeras possibilidades que a literatura disponibiliza para o leitor, seja em graus de compreensão, desenvolvimento lexical e de vocabulário, conhecimento de mundo, contemplação, habilidades cognitivas e intelectuais.

Mas, afinal, o que é literatura? Segundo o dicionário Aurélio (2001) é a “1. Arte de compor trabalhos artísticos em prosa ou verso. 2. O conjunto de trabalhos literários dum país ou duma época”, segundo o dicionário Aulete é: “Arte que usa a linguagem escrita como meio de expressão”, e, ainda, segundo o dicionário Michaelis, literatura em uma das várias definições: “O conjunto das obras literárias de um país, um gênero, uma época etc. que, pela qualidade de seu estilo ou forma e pela expressão de ideias de interesse universal ou permanente, têm reconhecido seu alto valor estético”, como é possível perceber, a variedade de acepções que são inseridas ao termo “literatura” é grande, portanto, serve para fins didáticos neste trabalho afirmar que a literatura é a arte da linguagem.

Para melhor compreensão da literatura por se tratar de uma arte tão vasta e diversa, ocorre a divisão em gêneros, pensados desde Aristóteles, por conseguinte, os gêneros literários são divididos em três categorias: épico, lírico e dramático. O épico narra grandes feitos heróicos humanos, uso de robustez e valorização das atitudes, há um narrador sendo escrito na terceira pessoa. O gênero lírico traz subjetividade, explicita sentimentos do eu lírico, sua escrita é na primeira pessoa e utiliza-se de musicalidade para ritmar seus versos e, por último, o gênero dramático, esse utiliza-se do drama humano, suas dúvidas, incertezas, desejos, caracterizando-se na encenação.

Na atualidade há divisões de gêneros como: Romance; Novela; Conto; Crônica; Poema; Canção; Drama histórico; Teatro de vanguarda. A literatura se faz

então como “o sonho acordado da civilização” (CANDIDO, 1989, p. 112). Assim, tal qual o ato de estudar é dar a si uma oportunidade, e isso só é possível porque estudar é uma doutrina da consciência, indubitavelmente, humano, o ato de ler é dar a ser a oportunidade de sonhar e viajar sem sair do lugar, fazendo dialogar o eu-interior com o eu-exterior numa relação de amizade, conhecimento de si e do outro.

### 3 O QUE É FENOMENOLOGIA?

Para o filósofo, pai da Fenomenologia, Edmund Husserl (1859-1938) fenomenologia é “ir ao encontro das coisas em si mesmas” (HUSSERL, 2008, p. 17) e para isso se faz necessário uma atitude filosófica que ele denomina “*epochê*” sendo essa atitude o ato de “suspender” um juízo primeiro que se possa existir sobre o tema.

A *epochê* fenomenológica consiste, nas palavras de Husserl, em “colocar entre parênteses’ nossa crença na existência da realidade exterior e descrever as atividade da consciência ou da razão, como um poder *a priori* de *constituição* da própria realidade”. O que isso quer dizer? O que chamamos de “mundo” ou “realidade”, diz Husserl, não é um conjunto de coisas e pessoas, animais, vegetais e minerais existentes em si mesmos e que nossas ideias representam ao transformá-los em objetos de conhecimento. O mundo ou a realidade é um conjunto de *significações* ou de *sentidos* que são produzidos pela consciência ou pela razão. A razão é “doadora de sentido” e ela *constitui a realidade* não enquanto existência de seres, mas enquanto sistema de significações que dependem da estrutura da própria consciência. (CHAUI, 2010, p.98).

Para objeto de estudo deste trabalho não há a intenção em aprofundar-se ao pensamento e formulação da teoria fenomenológica em suas minúcias, precisa-se para nível de conhecimento o interesse do leitor em compreender o que é um fenômeno que para fins didáticos será sempre algo escrito e demarcado no tempo, assim como tudo que foi escrito e produzido, catalogado e distribuído.

O ser humano sempre tende ao externo, é sempre um processo para fora, para expansão, dessa maneira o que ele recebe por meio da subjetividade, esse que “pela subjetivação o indivíduo se converte em ator para fabricar-se como sujeito” (MARTUCCELLI 2007, p.25), e reage em meio aos seus dilemas, valores, entendimentos, para o que está dentro possa sair e alcançar outras pessoas, tornando sempre uma constante entre o entrar e o esvair, o conhecer e o ser conhecido, o forma-se e o formar, assim como o conceito de ensinante e aprendente, por ora há uma mescla, quem ensina também aprende, por isso a subjetividade é elemento da fenomenologia.

#### 4 LITERATURA E FENOMENOLOGIA

Não haverá conhecimento sincero sobre um objeto ou temática caso não haja retorno a sua “coisa mesma”, ou seja, compreender seu significado, retornar às fontes primárias, esmiuçar sua funcionalidade e necessidade, entender o porquê da sua existência, e a essa busca, de maneira gradativa, construída genuinamente e sedento de vontade em chegar à verdade dos fatos e a sabedoria, damos o nome de Educação.

Derivado do latim *“educatīo,ōnis”*, Educação significa: 'ação de criar, de nutrir; cultura, cultivo'. Embasado pelos verbos: “criar”, “nutrir”, a literatura condiciona justamente, a essas ações, próprias de um fazer humano e racional. Pelas histórias lidas cria-se imagens, percepções, desenvolve-se mecanismos intelectuais e cognitivos, adquire-se habilidades e assim, nutrindo à memória, às relações, às interações com o meio, o leitor instala-se na realidade e desenvolve-se junto a ela.

Na literatura, seja ela clássica a contemporânea, sempre é preciso dizer algo e não há melhor maneira de explicar do que descrever em ordem reflexivas ações humanas em sua dimensão temporal, a exemplo da obra de Leon Tolstói, um grande escritor russo.

Essa arte de separar tão bem a vida oficial da vida real Ivan Ilitch possuía no mais alto grau e a prática associada ao talento natural tinha-o feito desenvolver esse talento a tal ponto de perfeição que muitas vezes, como os virtuosos, ele até se permitia, por um breve momento, mesclar suas relações humanas com as oficiais. (TOLSTÓI,2022, p.41)

A novela narra o processo reflexivo sobre a morte do protagonista Ivan Ilitch, ele sendo um Juiz de Direito depara-se com o sentimento de angústia e de vários “porquês” de uma vida em face da morte tão próxima, enquanto está acamado, vítima de uma doença. É tida por muitos críticos literários como a novela mais perfeita da literatura mundial. Assim como na obra, quantas vezes deparamo-nos com tais reflexões sobre a vida e a morte, acometido ou não por enfermidades e, sempre no diálogo consciente buscamos na ciência e nas experiências respostas para várias indagações filosóficas sobre o que é a vida.

Ou como na brilhante obra da literatura brasileira, *Vidas Secas* do Graciliano Ramos, onde retrata com riqueza de detalhes a morte da querida cadela Baleia, em meio ao sertão no Nordeste do Brasil e da tristeza dos retirantes donos da cadela, Sinhá Vitória e seu esposo Fabiano.

Baleia encostava a cabecinha fatigada na pedra. A pedra estava fria, certamente sinha Vitória tinha deixado o fogo apagar-se muito cedo.

Baleia queria dormir. Acordaria feliz, num mundo cheio de preás. E lamperia as mãos de Fabiano, um Fabiano enorme. As crianças se espojariam com ela, rolariam com ela num pátio enorme, num chiqueiro enorme. O mundo ficaria todo cheio de preás, gordo, enormes. (RAMOS, 2004, p.91)

Ao criar um animal de estimação quanto amor, carinho e afeição há nessa relação, fenômenos do cotidiano que a literatura consegue abarcar ao expor em palavras sentimentos e até a emocionar.

Assim como há o objetivo de emocionar, a literatura também consiste em tecer críticas sobre regimes, pensamentos de uma época, ideologias, como pode-se perceber nesse enxerto da obra *O retrato de Dorian Gray*, do exímio escritor irlandês Oscar Wilde:

– Meu caro amigo, começa a pregar moral. Daqui a pouco, estarás como os convertidos e os “revivalistas”, prevenindo todo o mundo contra os pecados de que eles próprios já se acham fatigados. És muito encantador para te meteres a fazer isso. De resto. Isso de nada serve. Somos o que somos e seremos o que pudermos ser. Quanto a ser-se intoxicado por um livro, nunca se viu nada que tal lembrasse. A arte não tem influência alguma sobre as ações; ela aniquila o desejo de agir; é soberbamente estéril. Os livros que a sociedade qualifica imorais são os que lhe exibem a sua própria vergonha. Eis tudo. Mas não discutamos literatura... Vem amanhã; montarei a cavalo às onze horas. (WILDE, 2014, p.245)

Na obra, o Dorian Gray se vê imerso em um narcisismo, a beleza física é a maior necessidade em sua vida, o fenômeno é tratado de maneira crítica pelo autor, que traz a tona conceitos como vaidade, maldade, perversão e a ética e moral da sociedade na Era Vitoriana na Inglaterra.

Ainda, na literatura é possível descrever além de fenômenos sociais o fenômeno do conhecimento de si, a busca e reconhecimento de um percurso de formação pessoal e do como há evolução ou detrimento de conceitos e concepções que a pessoa experimenta. Teorias que acredita e depois de algumas análises não crê mais, experiências de uma vida e formação, testemunho de vida.

O autor brasileiro Gustavo Corção, que possui uma beleza peculiar em seus escritos, faz um trajeto da descoberta de si no outro. Abaixo um trecho da obra *A descoberta do outro*:

Quando ouvi dizer, sobre romance ou pintura, que tudo era questão de gosto, tive um sobressalto. Pensei que, se cada coisa existisse pelo valor apenas, pela medida desse valor conferido pela opinião, bastaria que uma epidemia matasse umas vinte ou trinta pessoas para que a obra de Machado de Assis deixasse de ser uma grande obra. Ora, essa reflexão tinha dois aspectos terríveis: dum lado uma intolerável solidão e de outro

uma insuportável e desproporcionada responsabilidade. De um lado eu estaria só, e ao mesmo tempo, por outro lado, estaria dependendo de mim, da minha opinião, o sentido último e definitivo de todas as coisas do universo. A tarefa imposta me acabrunhava e o castigo do isolamento me convidava a um desespero total. Passava-me pelo espírito, então, a ideia que eu poderia destruir tudo, destruindo-me. (CORÇÃO, 2017, p.87-88)

O que leva Corção a descobrir o outro é o testemunho, para isso, trabalha em sua obra a unidade da consciência, é confessional e, como é possível perceber no trecho acima, faz chave de diálogo e conversação com outras obras, afirmando que: para tratar de uma boa obra literária não basta a opinião de um leitor, é preciso ter refino, estrutura lógica, profundidade e por esses e mais motivos uma obra perpetua-se e se firma no tempo, independente de fenômenos e/ou correntes sociais. Ainda, fazendo paralelo com a pedagogia da filósofa Edith Stein, no qual será abordado a frente, o livro é sobre um tratado moral, é um processo de conversão; a descoberta do outro traz o conhecimento de si, pois o engenheiro tão materialista, não pensava com profundidade em algumas questões da vida e em tudo tinha, apenas, opiniões rasas, banalizando assim a vida, às circunstâncias, o bem e o mal.

#### **4.1 Literatura e educação**

A leitura “é sempre apropriação, invenção e produção de significados” (CHARTIER, 1999, p. 77).

[...] a literatura tem sido um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas. (CANDIDO, 1989, p. 113).

O processo de ensino no que compreende a instituição escolar surge numa busca de “escola” para “todos” ainda com o Matemático Pitágoras, na escola pitagórica, assim como ocorria na Academia de Platão e no Liceu de Aristóteles, os alunos entravam a fim de buscar a sabedoria, havendo uma instrumentalização do ensino, buscavam “apreender”/aprender por toda a vida não sendo um atitude puramente tecnicista.

A aprendizagem se dava pelo convívio e pelo exemplo, a quem buscasse a medicina, conviveria com médicos, arquitetos com arquitetos e assim sucessivamente, ademais, antes da profissionalização a base educacional se dava em duas vertentes: primeiro a oratória, onde havia uma preocupação com os fatos e em dominar a língua para perpetuação das histórias e, principalmente, para a vida política, para a governança de um povo, sendo esse grupo formado para as técnicas da argumentação (sofistas); O outro grupo se colocava para a Filosofia, buscando o verdadeiro conhecimento, a verdadeira argumentação.

No percurso de ensino grego antigo havia o *Trivium*, sendo esse o currículo básico para a formação, havendo nas disciplinas de retórica, lógica e gramática a base para o desenvolvimento; na lógica, também conhecida como dialética era trabalhado a arte da argumentação, estabelecer falas fundamentadas em uma linearidade e racionalidade, a construção dessa lógica tendo amparo na gramática (palavra derivada de *gramma*, que em grego significa “letra”), sendo essa o estudo para domínio das letras, ou seja, da língua e, por fim, após apropriação da língua e tendo uma racionalidade lógica nos argumentos a retórica, o processo de convencimento e persuasão; posteriormente e a partir das evoluções passavam a etapa do *Quadrivium*, esse método traz como base quatro áreas de ensino: música; geometria; astrologia e aritmética.

Na contemporaneidade, Soares (2003) explica que o fracasso da alfabetização é, em primeiro momento, a falta de entendimento no tange alfabetização e letramento, na medida que em outros países desenvolvidos como Estados Unidos e Inglaterra já debatiam o que seria letramento, concomitantemente, também era formulado o entendimento no Brasil.

Os desenvolvimentos pedagógicos para aquisição de conhecimento e, posteriormente, habilidades, traziam métodos de alfabetização distantes do letramento e, por serem tratados de formas independentes, corroboravam para a dispersão e precariedade da escrita e da leitura e, conseqüentemente, em dificuldade para o processo de escrita.

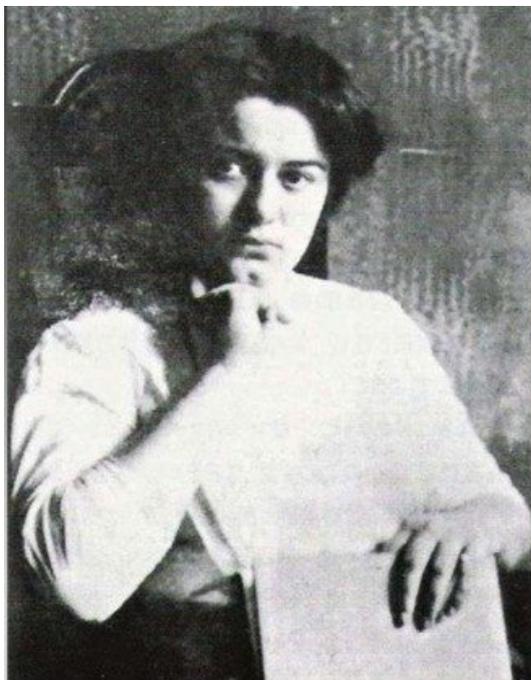
Nesta confusão entre o que seria alfabetização e letramento há também o processo midiático e os censos demográficos, no qual ainda sendo pensado o conceito de alfabetização como exemplo no Censo de 1940 era posto como alfabetizado o cidadão que declarava saber ler e escrever, porém bastava saber o próprio nome, já em 1950 declarava alfabetizado como a pessoa que além da escrita

do nome poderia escrever e ler bilhetes, o que configura-se até a atualidade, não conseguindo mensurar o nível de letramento, ou seja, entender por meio das práticas sociais e das habilidades a interpretar um texto seus fundamentos e contextos, o que posteriormente viria a ser colocados - também com uso das mídias - como analfabetos funcionais ou desqualificados e, ainda, como semi-analfabetos ou iletrados.

Havendo também a outra fase problemática, o de unir a tal ponto alfabetização e letramento e torná-los um, como foi colocado no construtivismo; nessa confusão, como supracitado, ora o método tradicionalista com foco apenas nos métodos, ora um dos problemas construtivistas de focar apenas a teoria sem métodos. Há, ainda, mediante Soares (2003) discorre que anteriormente as escolas tinham como problema as avaliações internas como: reprovações, repetências, evasões e afins e na contemporaneidade os registros e avaliações externas ou globais, como resultados do PISA e ENEM, por exemplo, ambos como sendo provenientes da perda da especificidade da alfabetização.

## 5 EDITH STEIN: FILÓSOFA E EDUCADORA

(Figura 1 - Edith Stein)



*Fonte: Vatican Media*

Edith Theresa Hedwig Stein, nasceu na Alemanha, na cidade de Breslau, atualmente Wroclaw - Polônia, no dia 12 de outubro de 1891, sétima filha de um total de onze irmãos, seus pais, Siegfried Stein e Augusta Courant eram judeus, o seu pai negociava madeira e morre inesperadamente, vítima de insolação, durante uma viagem a trabalho, Edith tinha dois anos há época e mediante o fatídico falecimento de seu pai ela e a família passaram alguns anos de muita pobreza. Ademais Edith Stein sempre viu em sua mãe o exemplo de mulher forte e corajosa a qual espelhava-se, pois mediante muito trabalho e esforço a Senhora Stein conseguiu ficar a par dos negócios e comercialização da madeira da família.

Com alguns anos de intenso trabalho, a empresa tomou fôlego e a senhora Stein era admirada pelos seus vizinhos por sua coragem, tenacidade e grande coração. Durante invernos rigorosos ela muitas vezes cedia aos indigentes os cortes de madeira recém-adquiridos. Conservou hábitos laboriosos até seus últimos dias. Com oitenta e oito anos ainda era vista vestida de preto, com um grande avental azul, tomando conta da loja, e depois passar a tarde lendo junto à janela. Não era raro que lesse, assim de uma vez, um livro todo. (MIRIBEL, 2001, p.35)

Certamente o hábito de leitura de sua mãe e os seus incentivos aos estudos foram essenciais para a formação de Edith Stein.

Ingressou no liceu (escola) aos seis anos de idade e era notadamente percebida pelas suas aptidões, “aprendeu a falar corretamente o francês, o inglês e o espanhol, e a ler o latim, o grego e o hebraico. No fim da via iria aprender, com facilidade, o holandês.” (MIRIBEL. 2001, p.38). Em 1911 ingressou na Universidade de Breslau, direcionou seus estudos à Filosofia. Sempre muito dedicada aos estudos, recebeu de um professor o livro: *Pesquisas lógicas* - segundo tomo do fenomenólogo Edmund Husserl, encantada com os escritos percebeu no Husserl a teoria frente ao tempo e que responderia suas mais íntimas indagações sobre a vida, algo que não entrava na psicologia. Algum tempo depois Edith Stein torna-se assistente de Husserl, sendo esse um grande salto em sua vida acadêmica e profissional.

Nas palavras de Edith Stein, o que é fenomenologia para ela:

Em primeiro lugar, cabe uma observação prévia sobre o nome. Ele é uma verdadeira fatalidade, pois quase sempre dá motivo para mal-entendidos. De fato, aos fenomenólogos não interessa os “fenômenos” no sentido usual, as “meras aparências”, mas, justamente, as essencialidades últimas objetivas. Mas o nome consagrou-se nos últimos 20 anos e não pode mais ser abandonado.

No que concerne o método, não pode ser dada uma introdução no sentido próprio de forma sucinta. Aquele que quiser conhecê-lo, deverá estudá-lo por conta própria, com base nas obras fundamentais.(STEIN,1924)

Enquanto estudava e assessoria o professor Husserl, Edith necessitou estabelecer uma pausa nos estudos para trabalhar junto à Cruz Vermelha no Hospital austríaco de Mähren, mediante a guerra de 1914 (Primeira Guerra Mundial), por dois anos cuidou de feridos, foi um serviço de voluntariado, chegando a ser condecorada com a medalha da Cruz Vermelha. Ao retornar prosseguiu com seus estudos e com sua tese de doutorado, essa traz como temática a Empatia, assunto que despertava completo interesse a ela, ainda nesse período assessorava o seu mestre Husserl, mas agora na cidade de Friburgo e é na Universidade de Friburgo que Edith defende sua tese de doutorado, obtendo excelente avaliação.

Passado um tempo, Stein decide romper laços com o seu mestre, outrossim, esse rompimento restringe-se, apenas, ao âmbito acadêmico, permanece o profundo respeito e a admiração, bem como, a gratidão. Então, decidiu tomar um rumo

religioso, ao ser apresentada ao livro autobiográfico de Santa Teresa D'Ávila ela encontra um norte e afirma: “é a verdade”.

Após algumas tentativas frustradas de lecionar em Universidades, tendo sido negadas por ser mulher – pois não havia espaço para mulheres educadoras.

No ano de 1932, Stein enfim conseguiu uma cátedra na Universidade de Münster, no Instituto de Ciências Pedagógicas. Entretanto, logo em seguida foi obrigada a abandonar a universidade devido à ascensão do Partido Nacional Socialista (futuro Partido Nazista), que instituiu a lei dos não arianos, proibindo os judeus de assumirem cargos públicos (STEIN, 2002b). (GOTO e MORAIS, 2016, p.58).

Afirmava que: “o educador pode agir sobre o educando de três formas: pela palavra que ensina, pela ação pedagógica e pelo exemplo próprio” (STEIN, 2020, p.13). Ainda, ministrou por dez anos aulas de alemão no Instituto das Dominicanas em Speyer. Fez alguns estágios no liceu feminino em Breslau e ministrava aulas no seminário para professoras. Conferencista, era sempre procurada para dar consultorias e opiniões com autoridades oficiais no que tange aos planos pedagógicos.

Posteriormente assumiu o cargo de professora no Instituto Alemão de Ciências Pedagógicas em Munster; depois de um ano e meio de atividade docente, ela teve que renunciar a esse cargo em consequência das mudanças políticas ocorridas em 1933. Sua especialidade tinha sido o estudo da educação feminina. (STEIN, 2020, p.9)

Em 14 de outubro de 1933, entra, finalmente (era o seu desejo após a conversão ao catolicismo) para Carmelo, entregando-se, totalmente, a vida religiosa. No dia 15 de abril de 1934 recebe o hábito do Carmelo e batiza-se com o nome de Irmã Teresa Benedita da Cruz.

Por ser de origem judia foi “descoberta pelos nazistas, Stein fugiu para o Carmelo de Echt, na Holanda, porém, ao chegar à Echt, foi capturada e levada para o campo de concentração de Westerbork.”(GOTO e MORAIS, 2016, p58). Posteriormente foi transferida pelos nazistas para o campo de concentração de Auschwitz-Birkenau e no dia 09 de agosto de 1942 o mundo perdeu Edith Stein, sendo assassinada em uma câmara de gás.

## 6 UMA ANÁLISE DE LITERATURA COMO FENÔMENO EM EDITH STEIN.

“No princípio era o Verbo” (Jo 1,1). Se tudo começa por meio da Palavra, todo o restante se desenrola por intermédio dela; ao declarar que a linguagem é figura primordial para o surgimento das coisas e de todo o campo inteligível, no qual, buscamos a compreensão, não apenas física, mas metafísica, conclui-se que, saber e dominar a língua é uma necessidade.

Leitura de mundo e de realidades está para além da alfabetização, consiste no letramento; compreensão (aqui há espaço para enfatizar a palavra compreensão) que deriva do termo em latim: *comprehensio*, ETIM(sXV) *ōnis*, significa: alcance, capacidade; conhecimento, abarcando todo um campo de consciência para busca do aprendizado, afinal fazendo o resgate histórico no que compreende a formação de um leitor, a leitura de mundo antecede à alfabetização, e é, também, uma atitude fenomenológica, sendo também uma reflexão filosófica.

Ao pensar a “pessoa”, logo imaginasse especificidades do ser, isso corrobora para um pensamento reflexivo e filosófico do que somos enquanto pessoa antes de ser profissional, algo que é uma constante, o humano, por sua vez, sempre irá buscar essa resposta e a construção e processo para tal resultado é diária, “é um eterno rasgar-se e remendar-se” como diz Graciliano Ramos.

Há uma necessidade de tecer uma teia de relações! O homem se faz homem por ser, justamente, sociável. A Educação, por sua vez, é o meio para que essas relações se tornem saudáveis e respeitadas, educação esta que começa, em princípio, pela família e, posteriormente, pela instituição escolar.

Dessa maneira, o aluno inicia sua formação social primeiro que a intelectual, começa ao conhecer seu professor e esse ao conhecer seu aluno, ambos compreendem, ao passar do tempo, como lidar um com o outro e, conseqüentemente, obtêm o conhecimento, digamos, científico. Não se faz educação sem diálogo, não se faz aluno e nem professor sem entender suas singularidades.

Edith Stein em seus escritos pedagógicos afirma que o primeiro passo para a educação está na pergunta: “Quem é o homem”? Então a base para sua pedagogia fundamenta a concepção de homem e não, apenas, no superficial, mas na transcendência. Contemplando e refletindo sobre quem somos, entende-se sobre cultura e culturalmente a literatura sendo uma arte, deve ser difundida e igualmente

contemplada, afinal ela é a base para o desenvolvimento da linguagem, havendo aparato para esse homem social dialogar e socializar-se.

Stein ainda evoca a educação a uma formação integral do homem, unindo alma-mente-corpo, pois o homem não é divisível, e caso haja divisão no processo de aprendizagem não está formando-se em integralidade. Nesse processo de formação deve haver harmonia para, justamente, evocar e fazer uso da educação em face do desenvolvimento pessoal e sempre voltado para o bem, educando-se levará o bem para os outros. Na literatura, assim como para o processo de formação pessoal, onde cada pessoa é, especialmente, singular, a cada livro que pode ser lido é necessário despir-se de pré-conceitos e pré-concepções e, através da curiosidade genuína permitir-se levar pelo entusiasmo em conhecer a história para conhecer o autor e o que é proposto em tal obra, assim como cada pessoa é única, cada livro também o é.

## 7 METODOLOGIA

Através de análise bibliográfica, mediante cunho exploratório realizado o mapeamento por intermédio de pesquisas em: livros, sites, revistas, a fim de compreender o percurso histórico da literatura sob a ótica fenomenológica da Filósofa e Educadora Edith Stein, no que tange a literatura como meio para o conhecimento, buscando compreender fenômenos que regem a formação de leitores. Andrade (2010, p. 25) explica que a pesquisa bibliográfica é uma habilidade em um curso de graduação e é obrigatória nas pesquisas exploratória, assim sendo, trazendo um viés investigativo e explicativo, analisou-se contextos históricos da Educação tendo uma abordagem qualitativa em sua pesquisa-ação. Assim, busca-se fomentar subsídio para reflexões quanto às práticas pedagógicas para professores e, principalmente, pedagogos e, ainda, interessados na literatura, bem como para discussões metodológicas e de formação pessoal e profissional, por meio do seu recorte filosófico.

## 8 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A corrente fenomenológica abarca temáticas das mais simples às mais complexas; compreender a literatura por intermédio dela torna-se uma ponte para a formação intelectual e profissional. Por meio dos pensamentos e escritos e de seu grande arcabouço teórico e pedagógico, a filósofa e educadora Edith Stein (ainda pouco estudada e disseminada no ambiente acadêmico) formula e condiciona sua filosofia à compreensão do humano e de sua singularidade; atenta às complexidades, buscando a empatia e conhecimento da formação pessoal e das suas peculiaridades e particularidades.

A literatura, por sua vez, se mostra como porta de entrada para entender as especificidades humanas, assim como uma pessoa que pisa a primeira vez nas areias da praia e, não obstante, pode sentir medo ao contemplar a imensidão do mar; a literatura pode causar tal espanto, na medida que haja o entendimento de que por meio das palavras, dos livros, da leitura, há uma vasta probabilidade de conhecer realidades e deparar-se com possibilidades inúmeras de aprendizagem que outrora não conhecia e/ou talvez não lhe era acessível, outrossim após familiarizar-se com o ambiente, com a temperatura da água, com a brisa, com cheiro da maresia o medo esvai-se e dá lugar à descoberta e a contemplação do mar: indissolúvel, imenso, forte e atraente.

Despir-se de pré-conceitos, não encarcerar numa visão determinista os escritores, são condições para formar um leitor. Além disso, a figura do professor deve fomentar nesse educando o caráter da descoberta e da busca, próprio a uma alma corajosa e forte, afinal o ser humano não nasce determinista, não é uma fórmula matemática, ele se desenvolve e forma sua personalidade por meio da aprendizagem. Esse professor deve demonstrar por meio do exemplo esse gosto pela leitura.

Pelo senso comum, a criança enxerga o exemplo para além de, apenas, escutar as palavras, como poderia, na base educativa, buscar agregar a um aluno um bem que este professor não conhece? Se é uma necessidade propiciar o conhecimento e ser um instrumento para chegar até ele, como concedê-lo sem estar intrinsecamente enraizado na *persona* do educador a concepção de que a leitura é um tesouro para o intelecto? Aprender a estudar é aprender a ter sensibilidade, logo, a linguagem dá sentido, ela é um valor e um elemento de ordem para a formação.

Unir a literatura à prática docente, institui biograficamente uma ruptura com o próprio tempo, ao possibilitar a transitoriedade em temporalidade na literatura é propiciado o conhecimento das mais variadas esferas humanas e de realidade e, ao conhecer o outro e os fenômenos que o moldaram será possível conhecer a si, como sujeito em sociedade.

## REFERÊNCIAS

ANDRADE, M. M. **Introdução à metodologia do trabalho científico: elaboração de trabalhos na graduação**. São Paulo, SP: Atlas, 2010.

**Aquino**. Por Prof Felipe. «**Quem foi Edith Stein? | Cléofas**». Disponível em: <https://cleofas.com.br/santa-teresa-benedita-da-cruz-edith-stein/>. Acesso em: 24 de julho de 2022.

BELLO, A. A. **A fenomenologia do ser humano**. Bauru: EDUSC, 2000.

BERNARDES, Liliâne; PIMENTEL, Graça; SANTANA, Marcelo. **Biblioteca escolar**. Cuiabá: Universidade Federal de Mato Grosso/Rede e-Tec, 2013.

BRASIL. **Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). Lei nº 13.696/2018, de 12/07/2018**. Brasília, 2018. Disponível em: <http://snbp.cultura.gov.br/pnle/>.

**BÍBLIA DE JERUSALÉM**, ed. Paulo Bazaglia. São Paulo: Paulus, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Direitos Humanos e literatura**. In: A.C.R. Fester (Org.) *Direitos humanos E...* Cjp / Ed. Brasiliense, 1989.

CASTRO, Suzana. **Introdução à filosofia**. Petrópolis, RJ: VOZES, 2008.

CHAUÍ, Marilena. **Convite à filosofia**. São Paulo: Ática, 2000.

CHARTIER, Roger. **A aventura do livro do leitor ao navegador**. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

CORÇÃO, Gustavo. **Dois amores, duas cidades**. Campinas, SP: Vide Editorial, 2019.

CORÇÃO, Gustavo. **A descoberta do outro**. Campinas, SP: VIDE Editorial, 2017.

COSTA, Ricardo da. **Reordenando o conhecimento: a Educação na Idade Média e o conceito de Ciência expresso na obra Doutrina para Crianças (c. 1274-1276) de Ramon Llull**. In: OLIVEIRA, Terezinha (coord.). Anais Completos da II Jornada de Estudos Antigos e Medievais: Transformação Social e Educação. Universidade Estadual de Maringá, 2002, p. 17-28

FAGUET, Emile. **A arte de ler**. Salvador. Livraria Progresso, 1958.

GOTO. Tommy Akira; MORAIS. Mak Alisson Borges de. **A concepção de fenomenologia para Edith Stein**. Revista Filosófica São Boaventura, v. 10, n. 2, jul./dez. 2016.

HERNÁNDEZ, Marisela García; PASQUALIN, Mário Celso. **Filosofia I**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná/Rede e-Tec, 2011.

HUSSERL, E. **Ideias para uma fenomenologia pura e para uma filosofia fenomenológica**. Aparecida: Ideias & Letras, 2006

HUSSERL, E. **A crise da humanidade europeia e a filosofia**. Porto Alegre; EDIPUCRS, 2008.

NOVINSKY, Ilana Waingort. **Edith Stein (1891-1942) - Em busca da verdade em tempos sombrios**. 2011. Tese (Doutorado) - Curso de História Social, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. São Paulo, 2012. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-29062012-123046/pt-br.php>. Acesso em: 03 jun.2023.

NÓVOA, António. **Currículo e docência: a pessoa, a partilha, a prudência**. Transcrição a intervenção oral proferida no 1o Colóquio Internacional de Políticas Curriculares, no dia 13 de novembro de 2003.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

MARTUCCELLI, Danilo. **Cambio de rumbo**. La sociedad a escala del individuo. Santiago de Chile: LOM, 2007.

MIRIBEL, Elisabeth de, **Edith Stein, 1891-1942: como ouro purificado pelo fogo**; tradução de Maria do Carmo Wollny. -Aparecida, SP: Editora Santuário, 2001.

PORRUA, Regiane Pinheiro Dionisio. **Literatura**. Curitiba: Instituto Federal do Paraná/Rede e-Tec Brasil, 2011.

RAMOS, Graciliano. **Vidas secas**. 95ª ed. – Rio de Janeiro: Record, 2004.

ROCHA, Magna Celi Mendes da. **A VISÃO EDUCATIVA EM EDITH STEIN: FUNDAMENTOS PARA UMA EDUCAÇÃO INTEGRAL**. In: I Congresso Humanitas: I Congresso Internacional do PPGT e XIII Congresso de Teologia PUCPR. Anais...Curitiba(PR) PUCPR, 2019. Disponível em: <<https://www.even3.com.br/anais/humanitaspucprteo/125024-A-VISAO-EDUCATIVA-EM-EDITH-STEIN-FUNDAMENTOS-PARA-UMA-EDUCACAO-INTEGRAL>>. Acesso em: 04/06/2023.

SAVATER, F. **Ética para meu filho**. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

SBERGA, Adair Aparecida. **Fundamentos da antropologia filosófica e pedagógica de Edith Stein: guia para o estudo de conceitos das obras de trilogia fenomenológica e da obra *A estrutura da pessoa humana*** / Adair Aparecida Sberga. – 1. ed. São Paulo: Paulus, 2021.

SOARES, Magda. **Letramento e alfabetização: as muitas facetas**. Universidade Federal de Minas Gerais, Centro de Alfabetização, Leitura e Escrita. 2003

STEIN. Edith. **Il problema dell'empatia**. (E.Constantini e E.S. Contantini, trads., 2ª ed.) Roma: Edizioni Studium, 1998 (original de 1917).

STEIN, Edith. **A mulher: sua missão segundo a natureza e a graça.** (Título original: *Die frau: Ihre Aufgabe nach Natur und Gnade*); tradução de Alfred J. Keller - Campinas, SP: Ecclesiae, 2020 (original de 1959).

STEIN, Edith. **Psicologia e scienze áello spirito: contribut i per una fondazione filosófica.** 2. ed. Presentazione di A. Ales Bello, traduzione di A. M. Pezella. Roma: Città Nuova, 1999.

STEIN, Edith. **O que é fenomenologia?** Tradução do artigo Was ist Phänomenologie? (1924), segundo o texto publicado em ESGA (Edith Stein Gesamtausgabe), vol. 9, texto 5, p. 85-90. Argumentos Revista de Filosofia, Fortaleza, ano 10, n. 20, p. 215-219, jul./dez. 2018. Tradução de: Ursula Anne Matthias.

TOLSTÓI, Leon, conde. **A morte de Ivan Ilitch.** Tradução de Vera Karam, – Porto Alegre: L&PM, 2020.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** Tradução João do Rio – São Paulo: Martin Claret, 2014.